

O JORNAL LITERÁRIO *DOM CASMURRO*: NOTA DE PESQUISA

TANIA REGINA DE LUCA^{*}

RESUMO

Já faz algumas décadas que a história da imprensa e os estudos sobre impressos multiplicaram-se na área das humanidades. Entretanto, nem todos os períodos receberam a mesma atenção. Para a Era Vargas (1930-1945), no interior da qual ocorreu a experiência autoritária do Estado Novo (1937-1945), a atenção segue concentrada nas publicações do regime, especialmente *Cultura Política* (1941-1945), que ocupou lugar destacado na difusão do projeto político-cultural varguista. A carência de investigações mais aprofundadas acerca das publicações então em circulação limita a compreensão do papel que desempenharam no período. A título de exemplo, apresentam-se os resultados preliminares de pesquisa a respeito do jornal literário *Dom Casmurro*, que conta com escassa fortuna crítica. Espera-se que, a partir da análise da publicação, que é única na imprensa brasileira, seja possível melhor compreender os dilemas enfrentados pelos intelectuais do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; *Dom Casmurro*; intelectuais

ABSTRACT

Since several decades press history and printed studies have proliferated in the humanities. However, not every period received the same attention. For the Vargas Age (1930-1945), when it was experienced the authoritarian Estado Novo (1937-1945), the attention is focused on the publications of the regime, especially *Cultura Política* (1941-1945), which occupied a prominent place in diffusion of Vargas political-cultural project. The lack of further investigation about the then outstanding publications limits the understanding of the role they played at the time. In order to illustrate that, the preliminary research results from the literary journal *Dom Casmurro* is brought up, which has scant critical fortune. It is expected that the analysis of such publication, which is the only one printed in Brazil, makes possible a better understanding of the dilemmas faced by scholars at the time.

KEYWORDS: press, *Dom Casmurro*, intellectuals

^{*} Professora da UNESP; Pesquisadora do CNPq.

Já faz algumas décadas que a história da imprensa e os estudos sobre impressos multiplicaram-se na área das humanidades. Entretanto, nem todos os períodos receberam a mesma atenção. Para a Era Vargas (1930-1945), no interior da qual ocorreu a experiência autoritária do Estado Novo (1937-1945), a atenção segue concentrada nas publicações do regime, especialmente *Cultura Política* (1941-1945), que ocupou lugar destacado na difusão do projeto político-cultural varguista. A carência de investigações mais aprofundadas acerca das publicações então em circulação limita a compreensão do papel que desempenharam no período. A título de exemplo, apresentam-se os resultados preliminares de pesquisa a respeito do jornal literário *Dom Casmurro*, que conta com escassa fortuna crítica. Espera-se que, a partir da análise da publicação, que é única na imprensa brasileira, seja possível melhor compreender os dilemas enfrentados pelos intelectuais do tempo.

Em 13 de maio de 1937 circulou o primeiro número de *Dom Casmurro*, fundado pelos gaúchos Brício de Abreu (1903-1968), que ocupava o cargo de diretor, e Álvaro Moreyra (1888-1964), que figurava como redator-chefe, função que compartilhou com Moacir Deabreu¹ e que também foi ocupado por Marques Rebelo e Jorge Amado. Brício e Álvaro acumulavam significativa atuação e prestígio na imprensa e nos meios intelectuais e artísticos, especialmente o teatral. A atuação de Álvaro na redação de publicações como *Para todos* e *Ilustração Brasileira*, para as quais arregimentava colaborações remuneradas, tornou-o bastante conhecido no mundo letrado². No final dos anos 1920, abria sua casa aos amigos, entre os quais figurava Manuel Bandeira – “Bom, vou sair. Agora o Álvaro Moreyra reúne às quintas uns amigos

¹ Em meados de 1937, Moacir Deabreu figurou por alguns números como redator, ao lado de Álvaro Moreyra.

² A importância da remuneração paga pelas revistas pode ser aferida na correspondência de Manuel Bandeira. Em 21 de junho de 1928 Bandeira comunicava o novo trabalho e agradecia ao amigo Mário de Andrade: “O Álvaro me convidou para colaborar nas revistas do Pimenta de Melo e eu atribuo esse gesto dele a umas conversas que tive aí com você. Tem pago pronto e bem. Pela *Palinódia*, *Irene no céu* (saídos no n. 9 de junho de *Para Todos*) e *Ouro Preto* (a aparecer) deu centão. Outro centão por duas crônicas bestinhas que entreguei anteontem”. E, pouco depois, em 29 de setembro: “Meu estribilho é um pouquinho diferente do de Macunaíma: – Ai que fadiga! Com essa coisa de escrever um artigo por semana para a *Província* e uma coisa ou outra para *Ilustração* e *Para Todos* fico pregado. Só faço isso porque pagam bem e eu vivia apertadíssimo com o quinhentão do montepio. (O Álvaro me paga 50 por poema ou crônicinha. O Gilberto 300 por quatro artigos mensais). Escrevo o diabo do artigo e num instante a outra semana chega! Agora o Rodrigo, que me quer muito bem, me chamou pra fazer com ele o número de Minas de *O Jornal*, ocasião de ganhar uns cobres bons. Não posso recusar”. MORAES, 2001, p. 393 e 407.

para jantar. Sou do cordão como colaborador das revistas”³. Brício, por sua vez, morou uma temporada em Paris e, ao retornar ao Rio de Janeiro, tornou-se representantes de editoras francesas, além de atuar como tradutor, teatrólogo, crítico e colaborar em vários periódicos.

Na primeira página do número inaugural, os fundadores expunham nas colunas *Nós* (Brício) e *Bom dia!* (Álvaro) as motivações e os objetivos da publicação. Nas palavras de Brício de Abreu,

Segundo a velha rotina devíamos, nesta coluna, uma vez mais, aparecer com a velha “charanga” do – “jornal que nasce para bem do povo” – “para defender a moral e o interesse público” – “para combater os venais e a política sórdida” – com um ar dramático de ator que não obteve o prêmio na concorrência do Ministério do Senhor Capanema [...]. Nada disso. *Dom Casmurro* sai sem a clássica forma chata e mentirosa [...]. *Dom Casmurro* se propõe a suprir uma falta no Rio: – a de um jornal para todo mundo, feito por intelectuais e com um único programa: evitar a burrice que aí anda. Nada mais [...]. Quanto às idéias, não temos o propósito de ocultá-las, nem restringi-las. Os melhores nomes da nossa literatura trabalham e colaboram em *Dom Casmurro* sem outra condição que a de “produzir” honesta e intelectualmente.⁴

De fato, a julgar pelo grupo de redatores dos números do primeiro ano, que incluía Aníbal Machado, Artur Torres Filho, Mozart Lago, Manoel Bandeira, Teófilo de Barros, Joel Silveira, este último lançado pelo periódico⁵, Santa Rosa, Jarbas Andréa e Augusto Rodrigues no cargo de redatores desenhistas, e a longa lista que o jornal frequentemente reproduzia junto com o expediente, apresentada como a dos que escreviam para *Dom Casmurro* – Afonso Arinos, Armando

³ Idem, p. 399, carta de 23/8/1928. Em 6/1/1930, Bandeira voltou ao assunto: “Como você sabe costume ir à casa do Álvaro nas quintas-feiras, dia em que ele recebe. Há umas comidas estupendas...” (p. 439).

⁴ ABREU, Brício de. *Nós*. *Dom Casmurro*, ano 1, n. 1, 13 maio 1937, p. 1. Quando do primeiro aniversário, Brício voltou ao tema: “52 semanas!... Um ano de existência: um ano de lutas tremendas para termos o nosso lugar ao sol, para darmos à nossa terra um jornal diferente, um jornal de cultura que não fosse pesado, maçante de ler e que levasse aos mais recônditos cantos deste nosso Brasil o nome e a palavra daqueles que vivem do labor intelectual, difundindo assim a nossa literatura e os nossos autores [...]. Sem nunca termos nos ocupado de políticas, nem de partidarismos, nem tampouco de idéias que não fossem aquelas que trouxessem um benefício intelectual para a nossa terra, sem nunca termos vendido a nossa consciência e sem nunca termos cometido uma injustiça”. *Dom Casmurro*, ano 1, n. 51, p. 1, 19 maio 1938.

⁵ Joel Silveira nasceu em Aracaju (23/09/1918) e chegou ao Rio de Janeiro em 1937 para estudar Direito. Entretanto, o curso foi preterido em prol do trabalho na imprensa. Sua participação em *Dom Casmurro* deu-se em função de carta que o jovem endereçou a Álvaro Moreyra, solicitando colocação. O redator publicou a correspondência e empregou Joel no semanário. *Dom Casmurro*, ano 1, n. 4, p. 1, 3 jun. 1937.

Fontes, Carlos Drummond de Andrade, Cícero Dias, Erico Verissimo, Gastão Cruls, Gilberto Amado, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Lúcio Costa, Mário de Andrade, Marques Rabelo, Murilo Mendes, Paulo Duarte, Prudente de Moraes Neto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Rodrigo Otávio, Roquete Pinto, Sérgio Buarque de Holanda, Tristão da Cunha, entre outros – a publicação reuniu prestigiada plêiade que, aliás, não diferia substancialmente daquela que figurou na *Revista Acadêmica*, *Lanterna Verde* e *Revista do Brasil*. Haveria que acrescentar, ainda, um rol de nomes que também ocuparam as colunas do jornal, caso de Lúcio Cardoso, Mário de Andrade, Genolino Amado, Adalgisa Néri, Rachel de Queiroz, Sérgio Milliet, Vianna Moog e muitos outros.

A exemplo de Brício, Álvaro Moreyra também insistiu na especificidade do jornal:

Há em Paris um jornal que previne logo abaixo do título: “Fundado por escritores e jornalistas e dirigidos por eles”. Raros jornais do mundo conseguem fazer um anúncio assim. Além dos donos, orientadores escondidos, todos os jornais, de todos os continentes, possuem os seus “subs”, os seus “vices” os seus “interinos” [...] *Dom Casmurro* foi fundado por escritores e jornalistas, e é dirigido por eles. Faz muito tempo que os que aqui trabalham [...] trabalham para os outros [...] Agora, não. Bom dia!⁶

Essa preocupação em delimitar o caráter cultural e literário do semanário e sua fatura por intelectuais e escritores era reiterada nos cupons destinados a angariar novos assinantes, como no exemplo que se segue, publicado quando o semanário tinha pouco mais de um ano de existência:

O seu interesse é ser assinante de um jornal que ofereça a si e a sua família uma leitura sã, instrutiva, que possa ter uma influência decisiva na formação intelectual e cultural do povo [...] No Brasil já existe um jornal especialmente dedicado a isso [...] *Dom Casmurro*. Um jornal que tem o que se ler [...] Que se lê e se guarda [...] e que já possui em todo o Brasil 3800 assinantes!!! Tome sua assinatura [...] Aconselhe seus amigos! [...] *Dom Casmurro* é o único jornal do Brasil no seu gênero. Assinando-o o senhor presta um grande serviço a si mesmo e à literatura nacional.⁷

⁶ MOREYRA, Álvaro. Bom dia!. *Dom Casmurro*, ano 1, n. 1, p. 1, 13 maio 1937.

⁷ Cupom publicado em *Dom Casmurro*, ano 2, n. 44, p. 4, 31 mar. 1938.

Ao ser lançado, o periódico apresentou um projeto gráfico que, apesar de haver conhecido alterações no decorrer de sua longa existência, não sofreu transformações radicais. No centro da primeira página, o cabeçalho informava o local de publicação, data, montante de páginas, ano e número, título e subtítulo (“grande hebdomadário brasileiro”), nome(s) do(s) responsável(is), preço, além de reproduzir a seguinte frase da obra de Machado de Assis que deu nome ao semanário: “A confusão era geral”. Tal conjunto era ladeado, à esquerda e à direita, por dois quadros que sempre continham propagandas, exceção feita ao exemplar de estreia, que trazia duas frases: uma de Austregésilo de Athayde, diretor dos *Diários Associados*, retirada de um de seus artigos no *Diário da Noite* – “Hoje há menos liberdade de imprensa no mundo do que no tempo de Luís XVI, e a ignorância e a boçalidade dos poderosos ocasionais impõe-se agora com uma violência que empalidece o absolutismo medieval” – e outra de Octave Mirbeau, ironicamente apresentado como autor que não foi da Academia Francesa: “Le public – ce crédule – ne croit plus, il a été tant fois trompé qu’il est devenu – ce confiant – méfiant a l’égard de tous”.

Em seu livro de memórias, Álvaro Moreyra explicitou como se deu a escolha da frase de Machado de Assis:

Naquela noite, de 1936, lá em casa, o fundador de *Dom Casmurro* gritou de repente – Falta a epígrafe! – A epígrafe? – Sim, uma frase ao lado do título. Qualquer coisa que seja o resumo do programa. A do *Figaro* é de Beaumarchais. – Então temos que encontrar isso no *Dom Casmurro* de Machado de Assis. – Ótimo! Reli até a madrugada o *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Nada servia para a idéia de Brício de Abreu. Eis porém que Escobar foi fazer silencias entre as ondas, e morreu. Um capítulo mais, cheguei ao CXXIII, justamente chamado *Olhos de ressaca*: “Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas, poucas e caladas”. Parei para piscar. Debaxo dos meus olhos com sono quatro palavras ficaram dançando: “A confusão era geral”. Pronto! A epígrafe! Porque o jornal ia viver num tempo em que, com enterro ou sem enterro, a confusão era geral. De tal maneira geral, que não pode mais – caiu na guerra. Esta é a história. A lenda não demorou. A lenda deu à frase de Machado de Assis uma intenção que Machado de Assis nunca imaginaria, um destino que o velho humorista, capaz de todas as caricaturas, jamais haveria de supor. Ela se espalhou pela imprensa, pela literatura, pela oratória: “Como disse

Machado de Assis: a confusão era geral”. “Tinha razão Machado de Assis: a confusão era geral”. Etc., etc., etc. A confusão era geral.⁸

Abaixo do cabeçalho havia uma ilustração, que ocupava o centro da primeira metade da página e à qual se seguiam notas curtas, que tratavam de temas atuais e/ou curiosos, ligados ao mundo da cultura. Pelo menos ao longo do primeiro ano, a figura separava as duas colunas já referidas, à esquerda *Nós* e à direita *Bom dia!* Nesse período, acima do texto de Álvaro Moreyra, listavam-se os colaboradores do número e a página, no mais das vezes, encerrava-se com uma caricatura que tomava toda a extensão da parte inferior.

O interior do jornal comportava criações literárias, com a publicação, ao longo de vários números, tanto de romances consagrados quanto de autores novos que, como o próprio semanário anunciava, “serão os grandes escritores de amanhã”; reprodução de trechos de grandes obras de sociologia, história, antropologia e estudos literários; síntese dos acontecimentos mais marcantes da semana (*O Rio em sete dias*); uma página feminina (*Para você*), assinada por Edith Margareth Torres, que reservava considerável espaço para questões relativas à moda; extenso panorama dos espetáculos em cartaz na cidade (*Microfone*); grandes reportagens exclusivas, quase sempre provenientes da imprensa internacional e que tratavam de questões candentes do momento; uma página de esportes, com destaque para os campeonatos e jogos de futebol; além de vários artigos sobre a produção literária nacional e internacional, escritores e suas obras, resenhas dos últimos lançamentos editoriais. Tal fórmula descreve, de maneira sintética e superficial, o primeiro ano da publicação. Há que se considerar que *Dom Casmurro* circulou pelo menos até dezembro de 1946, num total de mais de quatrocentos e cinquenta exemplares, o que impede a análise exaustiva mesmo do seu aspecto gráfico.⁹

O título do periódico, a frase pinçada do romance de Machado, as epígrafes escolhidas para o número de estreia, ao lado dos textos programáticos dos fundadores, compõem indícios importantes para compreender as motivações e os objetivos subjacentes a *Dom*

⁸ MOREYRA, 1955, p. 160.

⁹ No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa e da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, constam exemplares publicados até dezembro de 1946, cabendo destacar que essas instituições não possuem a coleção completa: na Casa Rui há falhas, por vezes significativas, em todos os anos, enquanto a coleção da FFLCH, apesar de quase completa, inicia-se apenas em 1940. O IEB/USP possui, por seu turno, exemplares relativos aos dois primeiros anos (1938 e 1939). A coleção da Biblioteca Nacional, com poucas falhas, encontra-se microfilmada e compreende o período compreendido entre maio de 1937 e dezembro de 1945.

Casmurro. Primeiro o nome. No romance, o personagem de Machado começa por sugerir ao leitor que não procure o significado do seu apelido em dicionários, pois se tratava de apreender o sentido que o vulgo atribuía a um casmurro: homem calado e metido consigo. No caso do periódico, a qualidade exortada não era o isolamento em si, mas a independência e a coragem dele decorrente, apanágio dos que estão livres de compromissos espúrios, como se depreende da narração de Brício de Abreu que, apesar de referir-se a um passado não datado, aproveitou para estocar uma novidade da cena política, os deputados classistas:

A idéia de um *Dom Casmurro* nasce em Paris, em pleno Montmartre, numa noite fria, chata, brumosa e irritante como um deputado classista. Eu, Felipe d'Oliveira, José Maria Carretera, o famoso "caballero audaz", e Carlos Cherubini, o pintor mais interessante que já me foi dado conhecer pessoalmente, havíamos-nos refugiado do frio no ateliê deste último. Carretera, tendo descoberto um Mirbeau, pôs-se a ler o célebre *Le journalisme* que ouvíamos em silêncio e, coincidência, tanto eu como Felipe íamos adaptando (disse-m'o ele depois) as palavras irônicas e ferozes do Mirbeau de 1890, ao meio jornalístico do nosso Rio. Ah! Se tivéssemos no Brasil quem dissesse isso por escrito!... Suspirou após Felipe... Mas qual, só um tipo ranzinza que não tenha convívio com ninguém, enfim um *Dom Casmurro*, seria capaz de o fazer... E desde então sonhamos com um jornal que se chamasse *Dom Casmurro*. Creio mesmo que chegamos a esboçar qualquer coisa que depois esquecemos. Mais tarde, Ronald de Carvalho, Paulo Duarte, Martins Fontes, em Paris, mostraram-se entusiasmados com a idéia que eu mesmo não sabia quando realizaria. E depois... depois... depois... Depois Felipe e Ronald voltaram ao Brasil e daqui partiram [...]. E eu fiquei lá em Paris a espera do dia em que voltasse... para realizar *Dom Casmurro*. Eilo. É a melhor homenagem que eu poderia render ao Felipe querido, ao Ronald amigo – e a todos aqueles que têm espírito e alma nesse árido Brasil intelectual.¹⁰

¹⁰ ABREU, Brício, op. cit. Na comemoração do primeiro ano, Álvaro Moreyra caracterizou a publicação, relacionando-a com Machado e o personagem Dom Casmurro: "*Dom Casmurro*, título de um autor muito falado e pouco lido, foi um milagre [...]. Único e múltiplo. Expressão de expressões. Alegre pelo aplauso do pequeno número. Vaidoso pela amizade de gente nova. Não se acha definitivo. Não se supõe superior. Não se imagina imprescindível. Malcriado, por sinceridade e contingências [...]. Sonhando apenas de noite. Bem acordado de dia. Contrário ao velho mestre, que cochilou no trem, ouvindo os versos de um poeta, e, sempre discípulo, contrário – porque não é 'calado e metido consigo'. Igual a ele, entretanto, no projeto de escrever a 'História dos Subúrbios'". *Dom Casmurro*, ano 2, n. 51, p. 1, 19 maio 1938.

Não por mero acaso, portanto, uma das máximas do cabeçalho foi extraída de Octave Mirbeau, o escritor e jornalista francês que inspirou a publicação. Porém, muito mais forte do que a imagem de um Brasil árido espiritualmente era a de uma intelectualidade perplexa diante de caminhos e opções políticas que se lhe apresentavam. As incertezas no âmbito nacional e internacional, a proximidade de uma nova guerra, cada vez mais tida como eminente e inevitável, multiplicavam os lamentos sobre uma época apreendida como brumosa, tal como a noite referida por Brício. “A confusão era total”, frase-epígrafe retirada de Machado, exprimia justamente esse tempo angustioso, desordenado e perturbador, que demandava atitudes firmes. Tarefa complexa, como o próprio Brício fazia questão de destacar:

[...] já sabemos que é uma audácia fundar um jornal que seja um canto para refúgio dos intelectuais, que perdendo o ar romântico tuberculoso, saibam se dirigir a todos os públicos. Não importa, com audácia ou sem ela aqui estamos, o público que nos julgue e os imbecis nos critiquem, porque não fugiremos à norma estabelecida desde hoje.¹¹

Álvaro Moreyra, por seu turno, além de demarcar o jornal como território exclusivo dos homens de letras, tocou num ponto delicado: as relações entre liberdade e cultura, problema central num mundo marcado pelo crescimento de regimes de força e recuo das liberdades individuais:

Existe outra palavra velha, unida a cultura – liberdade. Nasceram juntas. Não podem viver separadas. Onde não se vê cultura não se vê liberdade. Onde não se vê liberdade não se vê cultura. Uma pela outra, cultura e liberdade se definem. A mesma definição. A única. Na confusão que inunda a geografia mundial, andam supondo que liberdade e cultura não são conseqüências recíprocas.¹²

Daí o sentido da escolha da outra frase, agora de um jornalista brasileiro, Austregésilo de Athayde, que denunciava os ataques à liberdade de expressão e, portanto, na lógica de Álvaro Moreyra, da própria cultura.

No seu conjunto, a primeira página de *Dom Casmurro* revela que os fundadores intentavam constituir uma tribuna que reunisse homens de letras, o que explica a repetição quanto ao caráter do jornal e a preocupação em demarcar que aí não se colocava a pena a serviço de

¹¹ Idem.

¹² MOREYRA, op. cit.

interesses outros, pois, como enfaticamente afirmava Álvaro Moreyra, “Faz muito tempo que os que aqui trabalham... trabalham para os outros... Agora, não”. Entretanto, o intelectual imaginado guardava pouca relação com modelos anteriores, o romântico ou o tuberculoso, isolado do mundo e enredado em seus próprios dramas; o que se deseja é alguém pronto a “se dirigir a todos os públicos”, envolvido nas questões mundanas, portanto, não um clérigo guardião de verdades eternas e que pairasse acima do mundo, que faz lembrar certos trechos de Julian Benda.

É digno de nota o fato de o jornal não ter sido alvo de nenhum estudo sistemático e tampouco foram suas páginas vasculhadas em busca de textos de colaboradores ilustres. As breves menções a *Dom Casmurro*, invariavelmente citado como publicação importante dos anos 1930-1940, por vezes são acompanhadas por informações pouco acuradas, a exemplo da que informa o fechamento da publicação em 1942, conforme o *Dicionário histórico-biográfico* de Alzira Abreu, ou da que afirma que a fundação deu-se em 1936, sob responsabilidade de José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Osório Borba.

Uma questão imediata diz respeito às probabilidades de sucesso de um empreendimento como *Dom Casmurro*. Graciliano Ramos relata, numa de suas crônicas, que ao ler o número inaugural do semanário de Brício e Álvaro foi tomado de ceticismo quanto ao seu futuro:

Dom Casmurro, um jornal literário, tão literário que Álvaro Moreyra, num artigo de estréia, havia declarado na primeira página que aquilo era coisa só de escritores. Aviso franco, talvez um pouco vexatório para os cavalheiros que são, como dizem Lins do Rego e Santa Rosa, os rapazes do sereno, os simpatizantes da literatura. Exatamente como se, no décimo andar do edifício Odeon, sobre a porta da sala 1107 [endereço da redação], uma tabuleta ameaçadora parodiasse a velha advertência do professor de grego: “Quem não pertencer à confraria vá passando”. Lida a observação e vista a matéria da folha, balancei a cabeça desanimado:

– Não vendem quinhentos números.

O descrédito não poderia ser mais infundado, pois, para surpresa do romancista, Brício lhe contara que “voaram quinze mil exemplares em algumas horas”¹³.

¹³ RAMOS, 1962, p. 106. Descrédito semelhante foi relatado, por ocasião do primeiro ano de vida do jornal, em artigo de LESSA, Origines. “Dom Casmurro”. *Dom Casmurro*, ano 2, n. 52, p. 7, 26 maio 1938, transcrito do jornal paulista *Última Hora*.

Graciliano toma o exemplo de *Dom Casmurro* e da José Olympio, que em quatro anos lançara um milhão de volumes e cujo proprietário via-se na contingência de recusar originais vindos dos mais diversos cantos do país, para concluir que “o resultado é o que se vê, ótimo resultado. Um livreiro se aperreia e coça a cabeça recebendo volumosa correspondência. Um jornal de escritores, fechado, vende-se perfeitamente bem nos subúrbios. Temos uma prova de que o público pensa e lê”. Seria influência do Ministério da Educação? – perguntava retoricamente, para responder com um “Pouco provável. O Ministério da Educação é novo. Essa gente aprende leitura por aí, à toa. Pelo menos os habitantes do interior aprendem fora das escolas”¹⁴.

O fato é que a sobrevivência do jornal por quase uma década indica que havia interesse por publicações desse gênero. Mais difícil é precisar as informações sobre a tiragem. Logo no primeiro ano, as propagandas mencionam 3800 e 4000 assinantes, mas não a tiragem completa, informada apenas por ocasião da edição comemorativa do primeiro aniversário: 26 mil exemplares semanais e 45 mil por ocasião da edição de aniversário, que se esgotaram em apenas quatro horas, segundo Brício de Abreu¹⁵. A título de comparação, registre-se que no expediente do número especial de nono aniversário, dedicado a Euclides da Cunha e publicado em maio de 1946, o montante de exemplares atingiu a casa dos 55 mil. De acordo com Joel Silveira, cuja carreira iniciou-se efetivamente em 1937, nas páginas do então recém-lançado jornal,

A concorrente do *Casmurro* era a *Revista Acadêmica*, de Carlos Lacerda e Murilo Miranda, que tinha colaboradores como Rubem Braga, Moacir Werneck de Castro, Arnaldo Pedroso d’Horta e outros, Do lado de cá, no *Dom Casmurro*, estavam Álvaro Moreyra e o pessoal novo que chegava. Eram publicações contemporâneas e concorrentes. [...] Éramos o único jornal do gênero com circulação nacional. Vendia muito em São Paulo. Tirávamos 59 mil exemplares por semana, o que era extraordinário. Todos os literatos do Brasil escreviam ou visitavam a redação quando passavam pelo Rio e *Dom Casmurro* ficou como um ponto de referência para todos da esquerda [...]. A edição sobre o centenário de Machado de Assis foi antológica, teve mais de 200 páginas, todo mundo escreveu.¹⁶

¹⁴ RAMOS, op. cit., p. 107.

¹⁵ Os dados encontram-se na coluna de ABREU, Brício. Nós. *Dom Casmurro*, ano 2, n. 52, p. 1, 26 maio 1938.

¹⁶ SILVA JÚNIOR, Gonçalo. Os intelectuais e o Estado Novo. *Gazeta Mercantil*, 04 abr. 1999. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mt200499.htm>>. Acesso em: dez. 2010.

Há vários pontos interessantes no depoimento de Joel. Em outros trechos, ele igualmente insiste em considerar *Dom Casmurro* um “jornal esquerdista”. As implicações exatas da adjetivação demandam estudo sistemático da publicação, a fim de precisar o sentido e o significado da expressão que, muito provavelmente, igualmente poderia ser aplicada a outras publicações do período, caso, por exemplo, da *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda, e de *Diretrizes*, de Samuel Wainer. Nesse sentido, vale lembrar a publicação, respectivamente em maio e setembro de 1938, de dois manifestos de intelectuais: um a favor da candidatura de José Américo de Almeida, que, segundo Joel, teria reunido “esquerdistas e liberais”, e outro em prol da República espanhola¹⁷.

Já a oposição entre a *Acadêmica* e *Dom Casmurro*, como se houvesse um lado de cá e outro de lá, parece pouco adequada para dar conta da questão, ainda mais porque exatamente os mesmos nomes se encontram numa e noutra. Exemplo paradigmático é fornecido por Álvaro Moreyra: o fato de haver sido um dos responsáveis pelo projeto de *Dom Casmurro* e de nele desempenhar, por algum tempo, funções de redator não implicou a retirada do seu nome do conselho diretor da *Acadêmica*, enquanto Rubem Braga, citado como “do lado de lá”, fez-se presente no jornal de Brício e figurou na lista dos autores que o semanário fazia questão de destacar como seus colaboradores frequentes. No que respeita aos temas, vale lembrar que, enquanto Astrogildo Pereira, sob o pseudônimo de Sá Pedreira, escrevia, em meados de 1937, acerca da organização dos trabalhadores intelectuais na revista de Murilo Miranda, Brício abordava questão idêntica na sua coluna. E tampouco *Dom Casmurro* deixou de instituir seus prêmios literários¹⁸.

Tais afirmações não significam, porém, que as publicações não guardassem distâncias. Basta lembrar a influência de Mário de Andrade na *Acadêmica*, talvez por isso tomada por Joel como revista oposta aos novos, que se entrincheiravam em *Dom Casmurro*, e os embates que o poeta travou, por exemplo, com Jorge Amado e o próprio Joel Silveira,

¹⁷ SILVEIRA, Joel. *Na fogueira*: memórias (1998), obra escrita entre 1995 e 1998, na qual o autor relata os seus primeiros anos no Rio de Janeiro, quando trabalhou no jornal *Dom Casmurro*. Nas p. 124-125, Joel menciona os dois manifestos e reproduz na íntegra, inclusive com as assinaturas, o que defendia o republicanismo espanhol. Um estudo dos manifestos do período e seus signatários ainda está por ser feito. A potencialidade de trabalhos dessa natureza foi evidenciada por Sirinelli (1990).

¹⁸ A esse respeito, consultar: Ramos, 1962, p. 150-154, onde o autor comentou seu desempenho como jurado no concurso de contos, e p. 200-202, nas quais fez considerações sobre os vários concursos literários então em voga.

seja a respeito de Portinari ou da produção literária propriamente dita. Aliás, o papel do intelectual, o grau de engajamento de sua produção e os padrões que deveriam aferir a qualidade da mesma estiveram no cerne de debates que atravessaram a intelectualidade e as revistas e que valeram não poucos dissabores a Mário de Andrade¹⁹.

Na entrevista há pouco citada, Joel Silveira também se referiu à criação de *Cultura Política* e atribuiu a ideia do periódico a Lourival Fontes, que pretendia, por meio de uma revista bem cuidada e que remunerava regiamente, “dividir a esquerda”. Vai mais longe e afirma: “Lourival queria duas coisas: acabar com *Dom Casmurro* e comprar os intelectuais de esquerda. O pior era que nosso jornal não pagava pelas colaborações”²⁰. É pouco provável que os órgãos de repressão não tivessem conseguido fechar a publicação se a questão fosse considerada essencial. *Dom Casmurro*, em função de sua tiragem, por certo incomodava muito mais do que a *Revista Acadêmica*, que, nas palavras de Jorge Amado, era “uma revista mais ou menos clandestina (falo no sentido de circulação)”²¹. Pode-se levantar a hipótese de que a sobrevivência de *Dom Casmurro* deveu-se, provavelmente, ao fato de se tratar de um periódico literário que teve o cuidado de não desafiar abertamente as determinações e proibições da censura.

Nesse sentido, as memórias de Joel Silveira fornecem reiterados indícios das precauções e preocupações de Brício de Abreu, logo após a decretação do Estado Novo. Uma delas dizia respeito a Murilo Mendes, então a estrela principal do *Casmurro*, segundo Silveira, e que

¹⁹ Sobre o debate entre Joel Silveira e Mário de Andrade, consultar: Ramos, 1962, p. 190-193. Para um quadro das críticas recebidas por Mário de Andrade nos anos 1940, consultar o arguto texto de Marcos Antonio de Moraes, “Esses moços, pobres moços” (in MORAES, 2001, p. xvii-li). A relação entre Mário e Portinari pode ser apreendida nas cartas que o poeta enviou ao pintor, que contam com valiosa introdução de Annateresa Fabris, “História de uma amizade” (in ANDRADE, 1995, p. 13-44).

²⁰ Repetidas vezes, Joel Silveira descreveu as dificuldades financeiras que enfrentou no início da sua carreira de jornalista, “Aqueles tempos, no *Dom Casmurro*, e foram mais de dois anos [1937-1939], não podiam ser considerados um emprego, o *Dom Casmurro* nem chegava a ser ‘bico’. Era mais um lugar onde nós, iniciantes, podíamos publicar nossas coisas, conversar, conhecer gente, telefonar e, de um certo modo, termos um endereço fixo, no melhor local da cidade, onde podíamos ser encontrados o dia inteiro” (SILVEIRA, 1998, p. 147).

²¹ Apud ANTELO, 1984, p. 183. Pode-se matizar essa avaliação argumentando que se a revista não seduzia o grande público, certamente era lida pela intelectualidade. Aurélio Buarque de Holanda, que trocou Maceió pelo Rio de Janeiro em 1938, relata: “Vi pela primeira vez referência a Simões Lopes Neto em fins de 1938, na *Revista Acadêmica*, que estava fazendo um inquérito a respeito dos dez maiores contos brasileiros. Então consegui emprestada a edição de 1926 dos *Contos gauchescos e lendas do sul*” (SENNA, 1996, p. 272).

semanalmente esmerava-se em atacar os integralistas. Sua viva narração refere-se às preocupações de Brício, típicas dos momentos iniciais do golpe, que ainda podia ser interpretado como realização de aspirações integralistas:

– Ora, pelo que li nos jornais, integralismo e Estado Novo são a mesma coisa. Plínio não foi ministro, como esperava, mas certamente Getúlio lhe dará outro posto. De forma que atacar agora o integralismo, como vem fazendo Murilo em seus artigos, é atacar não apenas o Estado Novo em seu todo, mas particularmente o Dutra e o Góis, cuja simpatia pelo nazismo de Hitler e o fascismo de Mussolini todo mundo conhece. Temos que falar com o Murilo.

A conversa resultou na decisão, que pode ser entendida como uma autocensura, de não continuar com a série. Segue-se o relato do que teria sido, segundo o narrador, a fiel reprodução das palavras de Murilo Mendes:

– Não publicar seria insinuar que o *Dom Casmurro* já está sob censura. Mas publicar, creio eu, seria o jornal fazer o jogo da ditadura, que acabou com todos os partidos. Além do mais, não gosto de atacar quem não pode se defender, como é o caso agora dos integralistas. Enfim, o dilema é este [...].

Tirou do bolso de dentro do jaquetão as dez ou mais laudas de papel escritas com aquela sua letra graúda e bonita, disse:

– Não vamos criar mais problemas, bastam os que virão por aí.²²

Porém, não se pode esquecer que as lembranças do jornalista foram registradas muito tempo depois dos eventos narrados e que memória e história não são intercambiáveis. Os relatos, como todo e qualquer documento, não expressam “a verdade dos fatos” e contêm imprecisões de diferentes ordens. As mais óbvias dizem respeito à cronologia. Assim, no exemplo supracitado, a dissolução dos partidos parece ter ocorrido concomitantemente à decretação do Estado Novo (10 de novembro), quando de fato se deu quase um mês depois (2 de dezembro).

Já o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) é genericamente referido como responsável pela censura na Era Vargas, aspecto reiterado na narrativa, que se situa nos primeiros anos do Estado Novo. O jornalista reconstitui, em detalhes, a ida de Brício ao Departamento, oportunidade em que teria sido lembrado das limitações a que estava submetido o seu jornal: “*Casmurro* não pode falar disso e

²² SILVEIRA, 1998, p. 162-166.

daquilo, não pode escrever sobre tal e qual, nada de crítica, por mais leve, ao atual governo e sua maioria”, além da nada sutil referência ao corte do papel, todas debitadas na conta dos homens do DIP, isso num momento em que o órgão ainda não existia com tal denominação²³. Vale lembrar que o DIP pode ser encarado como culminância de um longo processo que se iniciou em 1931, com o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), cuja direção coube a Lourival Fontes²⁴, confortavelmente instalado, desde a implantação do Estado Novo, nas dependências do Palácio Tiradentes, ex-sede da Câmara dos Deputados. Em 1938, o DPDC transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), órgão reorganizado, em 27 de dezembro de 1939, quando foi criado o DIP, ainda com Lourival à frente.

Tudo isso alerta para a necessidade de estudos detidos a fim de se precisar as posições assumidas pelos editores de *Dom Casmurro*, ao longo de quase uma década de publicação semanal, bem como as formas de controle, externas ou autoimpostas, a que se submeteram²⁵. O desabafo de Brício de Abreu, feito por ocasião do primeiro aniversário do jornal, alerta para o fato de que a questão deveria ser muito mais complexa do que as generalizações apressadas impõem:

Quando aparecemos, com um programa definido, pugnando pela influência da cultura e da civilização francesa entre nós, e pela união, de forma definitiva, entre a intelectualidade portuguesa e a nossa [...] tivemos que enfrentar mil e um obstáculos, sendo a indiferença e o pessimismo os maiores deles. Diante da nossa persistência, vieram as campanhas surdas, sujas, dos *ratés*, dos literatos de café e dos invejosos – que encontraram guarida em vários jornais que não cessaram de nos caluniar com o fito único de nos indispor com as autoridades do país. Durante esse ano que vem de passar, fomos tudo: comunistas, anarquistas, fascistas, extremistas decididos, falsos católicos e outras coisas mais [...]. Para darmos uma pequena idéia da luta que tivemos, basta citarmos, como demonstração fiel do nosso meio intelectual, ou do pseudo-intelectual de 1937, o número de 860 cartas anônimas que recebemos, onde até as nossas famílias não escaparam à sordidez e à covardia desses caracteres de lama, homens feitos com a moral de papel-higiênico, incapazes de assumir uma responsabilidade²⁶.

²³ Idem, p. 177-180.

²⁴ Sobre a trajetória de Lourival, consultar: Lopes, 1999.

²⁵ Ao folhear a publicação, chama a atenção que em *Dom Casmurro*, ano 1, n. 8, p. 1, 1 jul. 1937, a coluna *Bom dia!*, de Álvaro Moreyra, apareça em branco, forte indício de censura. Entretanto, Joel Silveira, na obra supracitada, não se refere à questão.

²⁶ ABREU, Brício. Nós. *Dom Casmurro*, ano 2, n. 52, p. 1, 26 maio 1938.

Os dados apresentados, ainda que parciais e incompletos, evidenciam a urgente necessidade de estudos sobre as publicações que circularam nos anos 1930 e 1940. Talvez esse desinteresse derive do fato de se haver consolidado na historiografia a crença de que o DIP foi efetivamente capaz de silenciar a imprensa e torná-la dócil ao regime, seja pela coerção ou distribuição de favores. *Dom Casmurro* deixa patente que vale a pena debruçar-se sobre esses impressos, que podem nos ajudar a construir uma visão mais matizada do período.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Portinari, amigo mio*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- ANTELO, Raul. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Org.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: FGV, 1984. v. 5, p. 5459, verbete Joel Silveira.
- LOPES, Sonia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris, 1999.
- MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2. ed. São Paulo: EDUSP: IEB/USP, 2001.
- MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não...* (Lembranças). 2. ed. Rio de Janeiro: Lux, 1955.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962.
- SENNA, Homero de. *República das letras: entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros*. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SILVA JÚNIOR, Gonçalo. Os intelectuais e o Estado Novo. *Gazeta Mercantil*, 4 abr. 1999. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mt200499.htm>>. Acesso: dez. 2010.
- SILVEIRA, Joel. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuels et passions françaises: manifestes et pétitions au XXe siècle*. Paris: Gallimard, 1990.

